

## A ESPIRITUALIDADE ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO PARA O CUIDADOR FAMILIAR FRENTE À TERMINALIDADE

Cícero Rafael Pereira  
Guilherme Leocádio Medeiros Sobral  
Gabriela Lemos de Azevedo Maia  
Cheila Nataly Galindo Bedor

**Resumo:** Objetivou-se com este estudo discutir a espiritualidade enquanto estratégia de enfrentamento para o cuidador familiar diante da iminência de morte do paciente. Constitui-se em um estudo qualitativo realizado com 18 cuidadores familiares. A partir da análise de conteúdo, discutiu-se a relação do cuidador e a espiritualidade, enquanto estratégia para vivenciar a finitude e as percepções sobre a morte como continuidade e alívio do sofrimento. Verificou-se que a percepção da morte como passagem e libertação do sofrimento, a dedicação do cuidador ao cuidado ao paciente e a visão da figura de Deus como provedor de forças se constituem em estratégias de enfrentamento diante do processo de cuidar na iminência de morte.

**Palavras-chave:** Cuidados paliativos, domicílio, morte.

### Spirituality as a mechanism for family caregivers to deal with the death

**Abstract:** The objective of this study is to discuss spirituality as a coping mechanism for family caregivers confronted with the imminent death of a patient. The qualitative study was carried out with 18 family caregivers. The content analysis discusses the relation between the caregiver and spirituality, as a strategy to experience finitude and perceptions of death as continuity and relief from suffering. The study verifies that the perception of death as passage and liberation from suffering, the dedication of caretakers to patients, and the vision of the image of God as a provider of strength constitute strategies of coping in the process of caring in the context of imminent death.

**Keywords:** Palliative care, home, death.

### La espiritualidad en cuanto estrategia de enfrentamiento para el cuidado familiar frente al momento final

**Resumen:** Se objetivó con este estudio discutir la espiritualidad como estrategia de enfrentamiento para el cuidador familiar ante la inminencia de muerte del paciente. Se constituye en un estudio cualitativo realizado con 18 cuidadores familiares. A partir del análisis de contenido, se discutió la relación del cuidador y la espiritualidad como estrategia para vivir la finitud y las percepciones sobre la muerte como continuidad y alivio del sufrimiento. Se verificó que la percepción de la muerte como paso y liberación del sufrimiento, la dedicación del cuidador al cuidado al paciente y la visión de la figura de Dios como proveedor de fuerzas se constituyen en estrategias de enfrentamiento ante el proceso de cuidar en la inminencia de la muerte.

**Palabras clave:** Cuidados paliativos, domicilio, muerte.

### Introdução

Ao longo do curso das doenças que ameaçam a continuidade da vida, muitas vezes o tratamento curativo acaba não mais interferindo na evolução da doença, dando assim, espaço maior aos cuidados paliativos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) cuidados paliativos constitui em uma abordagem que promove qualidade de vida de pacientes e seus familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida. Isso deve ocorrer através da prevenção e alívio do sofrimento, o que requer identificação precoce, avaliação e tratamento impecável da dor e outros problemas de natureza física, psicossocial e espiritual (OMS, 2012).

Diante das mudanças ocorridas por conta da doença, a família tende a se reorganizar de modo a oferecer os cuidados que o paciente necessita e, neste momento crítico é que surge o papel do cuidador principal. Esse cuidador se caracteriza muitas vezes por ser membro da família, se constituindo assim em um cuidador familiar, uma pessoa que, em virtude do seu vínculo parental,

assume a responsabilidade de exercer a tarefa de cuidar de um familiar que se encontra dentro de um processo de doença e/ou dependência (BICALHO; LACERDA; CATAFESTA, 2008; LIMA; MACHADO, 2018).

A partir disso, compreende-se que o ato de cuidar de alguém em iminência de morte impulsiona a necessidade no cuidador em ser escutado, que suas dúvidas e questionamentos sejam compreendidas, tendo suas angústias acolhidas e direcionadas no processo de enfrentamento da terminalidade (LIMA; MACHADO, 2018). Esse cenário expressa a necessidade em se buscar um sentido para a situação que o ente querido e o próprio cuidador se encontram.

Como estratégias para enfrentamento desse processo de cuidar diante da terminalidade estão as relações de afeto entre o familiar e o paciente; o acolhimento no lar para as prestações desse cuidado; a realização e manutenção das atividades diárias no ambiente familiar; as redes sociais de apoio formais e informais; a comunicação e informações necessárias para a fase da doença que o parente se encontre e a fé e crenças religiosas e espirituais (DEON et al., 2018).

Percebe-se a espiritualidade como parte integrante da rotina daqueles que prestam cuidados aos pacientes, estando eles no processo de terminalidade em particular, bem como de todos aqueles que sofrem em função de uma doença (MANCHOLA et al., 2016).

A fé, a crença e a confiança em um ser superior se refletem em forças para o cuidador lidar com essa nova experiência na qual está inserido, esses buscam essa força no diálogo com o divino, através de orações, independente de professarem alguma religião (ARRIERA et al., 2017; CERVELIN; KRUSE, 2014; GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014).

A espiritualidade consiste na dimensão de todo ser humano que o impulsiona na busca do sagrado, levando-o a experienciar a transcendência frente aos sentidos e respostas de aspectos fundamentais da vida. E assim a mesma não é monopólio das religiões ou de algum movimento espiritual específico e se caracteriza como uma condição inata ao ser humano (ARRIERA et al., 2017).

Diante disso, percebe-se a importância do desenvolvimento do trabalho voltado à espiritualidade, visto que nos princípios dos cuidados paliativos, publicados pela OMS em 1986 e reafirmados em 2002 se encontra a integração de aspectos psicossociais e espirituais ao cuidado (OMS, 2004; MACIEL, 2008).

Ressalta-se a necessidade de ampliar uma melhor compreensão acerca do sentido da espiritualidade enquanto estratégia de enfrentamento para o cuidador familiar diante do processo de cuidar na terminalidade, visto que ainda há certo desconhecimento e negação da complexidade da natureza espiritual e de seu impacto na vida das pessoas. Manchola et al. (2016) evidenciaram que ainda há um déficit na formação profissional e atuação dos mesmos nas esferas da saúde, educação e política, que acabam por produzir uma abordagem reducionista no âmbito da espiritualidade e, conseqüentemente, se efetivando como uma abordagem inapropriada para a natureza da complexidade exigida.

Compreende-se que quanto maior a fundamentação no que diz respeito a temática ligada a espiritualidade e sua percepção enquanto estratégia frente ao processo de cuidados na terminalidade, maior será a capacidade da elaboração de estudos que possam subsidiar a construção de propostas

de intervenções por parte dos profissionais de saúde no âmbito dos cuidados paliativos ao paciente e à sua família.

Dessa forma, objetivou-se com este estudo discutir a espiritualidade enquanto estratégia de enfrentamento para o cuidador familiar diante da iminência de morte do paciente.

## **Metodologia**

O estudo é do tipo descritivo com uma abordagem qualitativa, realizado com os cuidadores familiares acompanhados pelo Serviço de Atenção Domiciliar (SAD) do município de Petrolina, Pernambuco.

Participaram da pesquisa cuidadores, maiores de 18 anos, primário/principal e informal, ou seja, que não recebesse remuneração para a finalidade do cuidar, e que fossem parente de paciente em cuidados paliativos exclusivos no domicílio.

A escolha desses participantes se deu a partir do levantamento prévio junto às equipes do SAD dos pacientes elegíveis para cuidados em final de vida no ambiente domiciliar e que, a partir disso, chegou-se aos seus respectivos parentes que assumiram o papel de cuidador.

Dos 18 cuidadores que participaram da pesquisa, quinze são do sexo feminino e três do sexo masculino com faixa etária variando de 20 a 75 anos de idade.

Oito desses cuidadores são domésticas, três são aposentados, duas são técnicas em enfermagem. O restante exerce profissão de frentista, cabeleireira, auxiliar administrativo, tecnóloga em alimentos e agricultora.

Quanto a renda familiar, onze ganham até um salário mínimo e sete ganham de dois a três salários.

No que diz respeito a religião dez (55,5%) são evangélicos e oito (44,5%) são católicos. Justifica-se a participação de pessoas ligadas a religiões de matriz cristã pelo fato de que as mesmas ainda são prevalentes no campo religioso brasileiro, com destaque ao catolicismo e protestantismo (SOUSA, 2013). Dos dezoito participantes, cinco alegaram ter prestado cuidados à outras pessoas em situações semelhantes ao familiar que hoje se encontra em cuidados paliativos exclusivos.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro de 2018 a janeiro de 2019 mediante entrevista com instrumento semiestruturada, realizada no próprio domicílio do cuidador, garantindo assim maior privacidade e tranquilidade ao participante. Realizou-se a gravação do áudio, que posteriormente foi transcrita e analisada.

No instrumento utilizado foram abordadas questões relacionadas a visão sobre a morte e o morrer; as ferramentas utilizadas como suporte no processo de cuidar do ente querido no domicílio; os sentimentos mobilizados e as formas de enfrentamento durante essa assistência.

A análise dos dados foi realizada através da técnica de Análise de Conteúdo Temático de Laurence Bardin (BARDIN, 2011). As falas dos participantes da pesquisa foram codificadas com a Letra C, seguida de uma numeração crescente de acordo com a ordem da entrevista<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A pesquisa segue todos os procedimentos éticos constantes nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovada no comitê de ética e pesquisa sob CAAE 90804918.8.0000.5196.

No âmbito da subjetividade, as experiências singulares expressadas pelos participantes do estudo são descritas em duas categorias: A espiritualidade diante do processo de cuidar na iminência de morte e os sentidos da morte.

### **A espiritualidade diante do processo de cuidar na iminência de morte**

A espiritualidade pode levar o ser humano a lançar um olhar para as dimensões que envolvem e compõem sua corporeidade e demais aspectos associados ao âmbito físico, psicológico, emocional, dentre outras. Além disso, é possível observar que concepções associadas a fé e a crença em algo superior podem, de certa forma, levar aquele familiar que lida com os cuidados diante da iminência de morte do seu ente querido a experienciar uma sensação de maior amparo e suporte frente aos problemas decorrentes da doença e da ascensão da terminalidade (ARRIERA et al., 2017; GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014; SCHMIDT; GABARRA; GONÇALEZ, 2011).

Assim, os depoimentos dos participantes apontam que apesar do sofrimento frente a prestação dos cuidados ao seu familiar, cuja doença ameaça a continuidade da vida do mesmo, há a busca de refúgio e força advindas de sua crença, tendo assim a percepção do divino como fonte de amparo e de auxílio nessa fase.

tá um pouco difícil, tá dando pra levar. Deus me dando força todos os dias, eu peço a Deus sabedoria, né, que hoje a pessoa pode ter muito é sabedoria em como lidar, dê força, força de vontade, força de tudo. Deus é quem dá o dom pra gente fazer aquilo ali certo, se não fosse Deus eu não sei como é que eu estaria hoje (C1).

mais, é como eu disse a você, tem que ser eu e eu mesmo, então eu procuro assumir, e pedir força a Deus, até a hora que Deus decidir o que é que faz (C2).

E só tem eu mesmo. É eu e Deus. Só que a família dela daqui é grande. Eles dão uma força. Mas, assim, não pode contar, né? Só conto mesmo com a ajuda de Deus (C12).

Percebe-se que a vivência da espiritualidade pelo cuidador se constitui em uma estratégia para encontrar amparo e conforto e, tal significado acaba sendo levado para o ente querido que vivencia o processo de morte e morrer. A figura de Deus, como observado nos depoimentos, se apresenta como uma força que nunca se esgotará e, que sempre estará ali para as pessoas que desejam buscá-lo. A busca por essa figura se constitui assim em um vínculo de confiança que acaba por se tornar uma fonte condutora da tranquilidade, levando assim essas pessoas a sentirem de certa forma amenizado o medo da morte (ARRIERA et al., 2017).

Oliveira et al. (2017) evidenciaram em seu estudo sobre espiritualidade, religiosidade e terminalidade, atribuições que os cuidadores familiares dão a fé como estratégia para suporte e força para superar as adversidades e sofrimento, bem como auxiliarem no controle emocional. Essa percepção da fé em sua dimensão espiritual permite que tanto o cuidador como o paciente possam encontrar sentido nas condições que os mesmos vivenciam.

Com isso, o cuidador passa a visualizar essa fase de cuidados como uma oportunidade de crescimento, de autoconhecimento e, acima de tudo, a expressão de um sentimento de gratidão pela experiência vivenciada e pela oportunidade de dedicar-se aos cuidados do seu ente querido diante da fragilidade.

eu tenho que agradecer a Deus por ter permitido dele ter vindo passar essa temporada e me escolher para cuidar dele, não vai ser fácil, mas eu estou entregando nas mãos de Deus, tem hora que eu choro, tem hora que eu fico mais assim, mas tá nas mãos de Deus, tudo tá nas mãos de Deus. A gente não pode reclamar de um fardo que Deus nos deu. Mas, meu pai não é um fardo, meu pai é uma bênção (C4).

então eu tô cuidando dela da mesma forma, com o mesmo carinho. E eu tenho o maior carinho pela minha mãe, entendeu? Eu me sinto assim, nunca pensei que eu ia ter coragem de cuidar dela do jeito que eu tô cuidando agora. E eu me sinto muito gratificada de cuidar da minha mãe (C18).

De outro modo alguns cuidadores veem nesse cuidado a chance de retribuição pelo que vem sendo feito, na perspectiva de que Deus recompense pelas ações que são realizadas.

Sei que Deus lá na frente vai me dá a recompensa (C2).

Eu sei que tudo que eu faço hoje por ele, Deus vai me dá em dobro sabe, então eu me sinto aliviada por me dedicar a ele (C17).

No estudo feito por Machado, Freitas e Jorge (2007) também foi observado que a privação e sobrecarga sofrida leva o cuidador a acreditar que tal dedicação irá trazer boas recompensas ao mesmo, evidenciando-se assim a clara intencionalidade do ato humano de se beneficiar em prol do bem que faz.

Mesmo diante da dor e do sofrimento face ao processo de cuidar do seu ente querido em seu processo de morte e morrer, é possível perceber que o cuidador, através de sua percepção enquanto ser, envolto de suas teias de relacionamentos com o familiar doente, acaba buscando significados e propósitos em meio a esse vínculo existente e, conseqüentemente ele acaba elaborando simbolicamente a dimensão espiritual como uma âncora, na qual ele se agarra e a utiliza como propulsora para o enfrentamento da doença (TAN et al., 2011; SIQUEIRA et al., 2017).

O cuidador passa a não apenas encarar esse processo de terminalidade do seu parente na expectativa angustiante da aproximação da morte, mas, além disso, passa a compreender e identificar os propósitos que emergem e o levam a refletir sobre a própria vida, como observado nesse depoimento.

É reflexão. Refletir na vida, no que a gente tá fazendo. Olho pra ele e penso, nossa, ele era tão ativo, sadio. E, de um dia pro outro, cama. Então a gente reflete muito. Todos vez que estou lidando perto da morte, eu reflito o que eu estou fazendo da minha vida, o que eu estou plantando, o que eu vou colher (C3).

Nessa perspectiva, percebe-se que a espiritualidade não depende necessariamente de uma crença específica para existir, ao contrário da religião, mas é caracterizada como uma dimensão individual, ou seja, uma disposição constituinte da pessoa (TONIOL, 2017).

O ser humano, enquanto ser pensante, sempre buscou entender os significados da vida e da morte, refletindo assim sobre os sentidos para sua presença no mundo e, através dessa busca, elaborar estratégias para enfrentar as dificuldades. As estratégias geralmente são associadas a temas como a espiritualidade e a religiosidade (CERVELIN; KRUSE, 2014).

Nos depoimentos dos participantes, foi possível evidenciar a relação entre a expressão do divino atrelado as suas crenças religiosas, dado a construção cristã da fé professada pelos mesmos. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se a dimensão espiritual no conteúdo expressado, o que remete a uma vivência ampliada no âmbito da espiritualidade.

A espiritualidade, dessa forma, vem permitir ao ser humano a capacidade de enfrentar os problemas existências de forma mais criativa. Já a religiosidade consiste na expressão ou prática daquele que crer e que pode se relacionar com uma instituição religiosa. A religiosidade e a espiritualidade também podem ser compreendida como realidades que não são desconectadas, visto que ambas são experiências inseparáveis de forma a se complementarem e, a partir daí, remeter a pessoa a experienciar a transcendência e a busca de significados da vida (GOMES; FARINA; DAL FORNO, 2014; LIMA; MACHADO, 2018).

Toniol (2017) enfatiza que a definição da espiritualidade se constitui em um ato e, nessa perspectiva, as diferenciações dos marcos conceituais entre espiritualidade e religião não podem ser concebidas como algo absoluto.

A iminência da morte leva a emergir de forma mais significativa a valorização da vida. Todos os momentos passam a ter uma dimensão maior, como o apego a não deixar os filhos, a valorização do ato de simplesmente acordar e, o agradecimento por permanecer vivo por mais um dia e, há uma maior contemplação das simples ações desenvolvidas no cotidiano (ARRIERA et al., 2017).

As reflexões e a valorização pela simples presença do ente querido levam o cuidador a sentimentos positivos, por desempenhar um papel que reflete diretamente no bem-estar do outro. Há construção de sentidos e significados no ato de cuidar, mesmo cientes da possibilidade da morte, o prazer pela tarefa desempenhada ganha um peso maior e, conseqüentemente, a compreensão dessa dimensão acaba impactando estrategicamente na forma como ele visualiza a trajetória do processo de morte e morrer.

A gente se sente, sabe aquele negócio de dever cumprido, tipo assim, dever cumprido, de tá ajudando uma pessoa, sabe? Ajudar faz bem, é o clichê que mais rola, sabe, ajudar faz bem (C3).

Eu cuido com amor, com todo amor, porque ela e minha esposa, nós casamos novo, ela não tinha nem 20 anos, eu já era mais velho, e eu cuido com amor (C6).

Assim, me sinto orgulhosa em dar para ela o que ela já fez por mim. E eu só entrego nas mãos de Deus. Não me arrependo de nada, de ter deixado tudo para trás, porque mãe é uma só. Me sinto orgulhosa de mim mesma. E também quando a gente morre a gente não leva nada (C9).

Essa forma de experienciar a trajetória do cuidado se constitui em uma estratégia positiva de enfrentamento dessa nova realidade na qual o cuidador familiar se insere, ganhando maior ênfase nas ações que são dispensadas ao paciente e, como o ato de doar-se ao outro reflete diretamente na forma de enxergar o impacto positivo em sua vida.

Tan et al. (2011) também evidenciaram em seu estudo sentimentos de positividade, descontração e conforto, demonstrando que o ato de cuidar frente ao processo de morte e morrer ganha sentido menos ameaçador, amedrontador.

Através dos depoimentos apresentados neste estudo, foi possível identificar a espiritualidade como o mecanismo de enfrentamento frente ao processo de cuidar na iminência da perda do ente querido, no qual a expectativa, o medo e o sofrimento passam a ser convertidos em maior dedicação aos cuidados e, o cuidador passa a experimentar e expressar os impactos positivos dessa dedicação tanto para o parente como também para si.

### **Os sentidos da morte**

A espécie humana é a única que possui verdadeiramente consciência da morte, tendo a certeza de que a vida não é eterna, mas sim finita. Tal consciência está intimamente ligada à vida em sociedade, visto que tal percepção sobre a finitude não se trata apenas de uma questão de instintos, mas sim de uma variedade ampla de representações culturais criadas em torno do falecimento (WEISS, 2014).

E, diante dessa compreensão da certeza da finitude, acaba-se por criar estratégias para enfrentar a possibilidade da ocorrência da morte, como o fato de encarar o falecimento não como o fim, mas como a possibilidade de liberta-se do corpo terreno e, dá continuidade da vida em um plano superior, relacionando assim a morte como um mecanismo de passagem. Os participantes expressam essa percepção ao longo dos depoimentos.

eu entendo assim que a morte é uma passagem, estamos aqui na terra hoje [...] e quando Deus quiser que a gente vá [...] é uma passagem (C1).

Rapaz, a morte é o seguinte, nós temos uma esperança, que não é na vida física, nas coisas materiais, é nas coisas espirituais e eu não temo a morte [...] é uma passagem dessa vida para outra, nós estamos aqui conversando, e não tem certeza que você vai chegar em casa (C6).

Compreende-se que a espiritualidade fornece estratégias para esse enfrentamento da morte, visto que através dessa visão, a terminalidade é percebida apenas como a morte física e que, com a ocorrência da mesma, há uma continuidade muito além do viver humano. O enfraquecimento biológico vai dando espaço ao fortalecimento do espírito e, com isso, o desligamento da trajetória terrena vai cada vez mais abrindo espaço à passagem para o outro lugar (ARRIERA et al., 2017).

Em estudo clínico-qualitativo feito por Farinasso e Labate (2012) com viúvas idosas foi evidenciado que nos ensinamentos sobre a morte há uma construção da representação da finitude como um mecanismo de transição do espírito para um lugar melhor, na qual não há mais sofrimento como na vida terrena e, essa visualização da libertação das dores leva a construção dos significados positivos pelo enlutado da ocorrência da morte do seu ente querido.

Percebe-se que a construção da crença em uma dimensão extracorpórea e a continuidade da vida em outro plano induz o indivíduo a contemplar a vida, mesmo diante da gravidade da doença. Consequentemente, há uma transmissão de paz e força que acaba se tornando uma ferramenta de enfrentamento na qual até mesmo a dor mais aguda torna-se ínfima frente à promessa transcendental do pós vida (MANCHOLA et al., 2016).

Além da construção dessa percepção de continuidade da vida após a morte, o cuidador familiar também estabelece a ocorrência do falecimento à libertação do sofrimento. O morrer passa a ser o

mecanismo que cessa toda dor e traz consigo a possibilidade do descanso ao ente querido. As falas dos participantes trazem essa perspectiva.

Nas condições que ele tá, pra ele a morte seria uma solução, no sentido de aliviar, porque ele sofre muito. Seria uma bênção, um alívio do sofrimento (C3).

Na hora que Deus o chamar, eu vou ficar conformada porque eu vejo que ele tá ali em cima da cama, mas ele tá sofrendo muito. Com aquelas escaras, com a vida de ficar direto deitado ali (C8).

Tem casos em que a morte, eu vejo assim, no caso do acamado que vem sofrendo, é um descanso. Eu vejo por esse lado que seja um descanso, porque o corpo tá ali sofrendo bastante. É um descanso do corpo (C16).

Lima e Machado (2018) também evidenciaram a vinculação da morte como um acontecimento que possibilitaria o alívio do sofrimento e traria a paz tanto para o familiar que se encontrava naquela situação de doença como também para si.

Também é possível perceber nos depoimentos a entrega do ente querido à vontade de Deus. Essa compreensão se constitui em uma estratégia para melhor aceitação do falecimento, mesmo sendo contra vontade, o fato é que a vida é dada pelo criador e, cabe ao mesmo a decisão de retomar essa vida no dia predestinado para que a morte ocorra.

A morte é uma coisa que a gente não se conforma, mas que todos tem que tá preparado, Deus é quem deixa a gente, e ele é quem leva, e tem o dia (C5).

mas é uma coisa que eu já espero, só que é aquela coisa que eu já espero sem aceitação, a gente termina aceitando porque é a vontade de Deus (C7).

Há forte presença da concepção de morte como um acontecimento vinculado ao chamado divino, ou seja, a realidade imposta a todos os seres vivos e a certeza de sua finitude. Ter essa compreensão leva ao cuidador a encarar a perda e desenvolver mecanismos de aceitação por considerar o fato de que a morte se constitui como propósito da obra divina, não cabendo aos indivíduos questionar tal realidade (FARINASSO; LABATE, 2012).

Vale ressaltar que o fato da existência da crença em Deus não necessariamente restringe à pessoa a uma religião, mas denota que o indivíduo é provido de uma espiritualidade, vendo assim a dimensão espiritual como válvula para buscar uma força maior e, através dela, enfrentar os obstáculos e desafios impostos pela vida (MIQUELETTTO et al., 2017).

### **Considerações finais**

Esse estudo evidenciou que os cuidadores familiares mesmo diante da adversidade frente ao processo de cuidar do ente querido em iminência de morte, consegue visualizar no campo espiritual a fonte de forças para lidar com a situação que o mesmo vivencia, exaltando a figura de Deus como entidade responsável pelo amparo e auxílio.

A dedicação ao cuidado é a base que traz sentido aos obstáculos vivenciados nesse processo, levando o cuidador a ser grato pela oportunidade de conviver com o ente querido nessa fase da vida,



da satisfação de retribuir muitas vezes um cuidado ofertado, tendo reflexo positivo direto tanto para quem recebe os cuidados como para quem dispensa os mesmos.

Além disso, observou-se que o cuidador crê na possibilidade de recompensa pela dedicação aos cuidados que hoje são dispensados ao seu familiar. Mesmo nessa percepção de retribuição pelo o que se faz, a espiritualidade também se faz presente, visto que o mesmo aguarda essa compensação dos seus atos oriundos do poder divino.

Constatou-se também que a vida, na percepção do cuidador, consiste em uma dádiva dado por um ser superior (Deus) e que, cabe a decisão divina o dia em que a vida deve cessar. Compreender a morte como um chamado divino parece se constitui como estratégia para melhor aceitação do falecimento do familiar.

A morte não se caracteriza como um fim, na percepção dos cuidadores, mas como um mecanismo de libertação do espírito do plano material ao plano espiritual e, da possibilidade de continuidade da vida em uma outra dimensão, associando assim o conceito de passagem ao momento do falecimento. Evidenciou-se também que a morte se constitui no evento capaz de cessar a dor e o sofrimento tanto do paciente como do familiar que o acompanha.

Ressalta-se que a compreensão da espiritualidade como estratégia no cuidar pode subsidiar a elaboração de estudos com propostas de intervenção no âmbito da temática, ressignificando assim o acompanhamento de pacientes e cuidadores que se encontrem inseridos no processo de cuidados no final da vida.

## Referências

- ARRIERA, Isabel Cristina de Oliveira et al. O sentido da espiritualidade na transitoriedade da vida. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 21, n. 1, p. 1-6, 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BICALHO, Cleide Straub; LACERDA, Maria Ribeiro; CATAFESTA, Fernanda. Refletindo sobre quem é o cuidador familiar. *Cogitare Enfermagem*, v. 13, n. 1, p. 118-123, jan./mar. 2008.
- CERVELIN, Aline Fantin; KRUSE, Maria Henriqueta. Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 18, n. 1, p. 136-142, 2014.
- DEON, Reges Antonio et al. Estratégias de cuidado familiar frente à terminalidade da vida. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 12, n. 7, p. 2.039-2.049, 2018.
- FARINASSO, Adriano Luiz da Costa; LABATE, Renata Curi. Luto. Religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 14, n. 3, p. 588-595, jul./set. 2012.
- GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; DAL FORNO, Cristiano. Espiritualidade, religiosidade e religião: reflexão de conceitos em artigos psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 2, p. 107-112, 2014.
- LIMA, Caroline Peres; MACHADO, Mariana de Abreu. Cuidadores principais ante a experiência da morte: seus sentidos e significados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 1, p. 88-101, jan./mar. 2018.
- MACIEL, Maria Gorete Sales. Definições e princípios. In: CREMESP (Org.). *Cuidado Paliativo*. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2008, p. 15-32.
- MACHADO, Ana Larissa Gomes; FREITAS, Consuelo Helena Aires de; JORGE, Maria Salete Bessa. O fazer do cuidador familiar: significados e crenças. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 5, p. 530-534, set./out. 2007.
- MANCHOLA, Camilo et al. Cuidados paliativos, espiritualidade e bioética narrativa em unidade de saúde especializada. *Revista Bioética*, v. 24, n. 1, p. 165-175, 2016.
- MIQUELETTO, Marcelo et al. Espiritualidade de famílias com um ente querido em situação de final de vida. *Revista Cuidarte*, v. 8, n. 2, p. 1.616-1.627, 2017.
- OLIVEIRA, Stefanie Griebeler et al. Spirituality, religiosity and terminality: possible topics in homecare visits carried out with family caregivers. *Revista de Enfermagem UFPI*, v. 6, n. 2, p. 69-73, abr./jun. 2017.

OMS. *Definition of palliative care*. Genève: OMS, 2012.

\_\_\_\_\_. *Better palliative care for older people*. Genève: OMS, 2004.

SCHMIDT, Beatriz; GABARRA, Letícia Macedo; GONÇALVES, Jadete Rodrigues. Terminalidade e morte: relato de experiência. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 21, n. 50, p. 423-430, 2011.

SIQUEIRA, Hedi Crecencia Heckler et al. Espiritualidade no processo saúde-doença-cuidado do usuário oncológico: olhar do enfermeiro. *Revista de Enfermagem UFPE*, v. 11, n. 8, p. 2.996-3.004, ago. 2017.

SOUSA, Rodrigo Franklin. Religiosidade no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 288-285, 2013.

TAN, Heather et al. The experience of palliative patients and their families of a family meeting utilised as an instrument for spiritual and psychosocial care: a qualitative study. *BMC Palliative Care*, v. 10, n. 7, p. 1-12, 2011.

TONIOL, Rodrigo. O que faz a espiritualidade? *Religião e Sociedade*, v. 37, n. 2, p. 144-145, 2017.

WEISS, Inajara Kaona. As faces da morte: um estudo antropológico das variadas formas de inumação. *Revista Alamedas*, v. 2, n. 1, p. 37-50, 2014.

Recebido em: 31 maio 2019.

Aceito em: 23 set. 2019.

---

*Cícero Rafael Pereira*: Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: c.rafael.biologo@gmail.com. Brasil.

*Guilherme Leocádio Medeiros Sobral*: Graduando em Medicina e Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: leocadioguilherme@gmail.com. Brasil.

*Gabriela Lemos de Azevedo Maia*: Doutora em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: gabriela.lemos@univasf.edu.br. Brasil.

*Cheila Nataly Galindo Bedor*: Doutora em Saúde Pública pelo Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (CPQAM-FIOCRUZ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: cheila.bedor@univasf.edu.br. Brasil.